

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

AS IDEIAS POLÍTICAS NA OBRA FICCIONAL DE J. R. R. TOLKIEN (1917-1949): DECADÊNCIA, DESENCANTO, TRAGÉDIA, AMEAÇA

PAVANI, Roney Marcos¹

Resumo:

J. R. R. Tolkien (1892-1973) é um dos exemplos da complexidade do pensamento ficcional europeu da primeira metade do século XX. Sua mitologia, ao contrário do que muitos críticos dizem, representa muito mais do que “escapismo” ou “alienação”. Os temas recorrentes em suas narrativas – decadência, desencanto, tragédia e ameaça – são um retrato de sua época e, sobretudo, uma crítica aguda e conservadora ao mundo moderno, e às pretensões racionalistas que o geraram. Simultaneamente, a obra que Tolkien produziu entre 1917 e 1949 é fruto desse mesmo mundo, ao ser redigida em um gênero tipicamente moderno – o romance. De posse desse material e a partir de textos teóricos da História das Ideias – de onde obteremos as definições para os conceitos de conservadorismo, liberdade e progresso; bem como dos estudos contemporâneos acerca das ambivalências da modernidade e da dialética da razão iluminista; e também da teoria literária – dos quais apreenderemos as noções de romance e de literatura fantástica; nos propomos a estudar que, com seus escritos, Tolkien quis mostrar, em termos literários, que o projeto iluminista possuía, em si mesmo, o germe de sua própria destruição.

Palavras-chave: Tolkien, Fantasia, Ideias, Conservadorismo.

1. A obra literária em seu contexto histórico

Todo discurso é constituído por marcas culturais, históricas, sociais e ideológicas. Com J. R. R. Tolkien e sua mitologia isso não é diferente. Portanto, conhecer o lugar de onde se constroem os enunciados, quem os constrói e para quem são construídos é necessário à produção de sentidos. O conceito de literatura que adotamos neste trabalho é pautado pelas definições que Antonio Candido (1993, 2000, 2004) constrói sobre esse patrimônio cultural em sua obra. O professor, sociólogo e crítico literário, em seu libelo de defesa à literatura, define-a como uma manifestação inerente a todo homem, já que

¹ Doutorando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: roney.pavani@gmail.com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

parte do imaginário, do fabuloso, do poético, constante em nós e constitutivo de nossa condição humana. Em *Literatura e Sociedade*, o autor afirma

[...] A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2000, p. 68).

O autor define a obra literária como uma produção cultural de dimensões coletivas por atuar esteticamente na representação de um povo, uma nação ou uma comunidade. Dessa forma, compreende-se a literatura como um instrumento que desvela os aspectos mais íntimos de uma sociedade, sendo impossível dissociar-se dela. A dimensão social e política do texto literário é questão central nas reflexões do sociólogo.

Dessa forma, muito mais do que um autor de contos infantis, J. R. R. Tolkien fez parte de uma importante tradição literária anti-industrial e antimodernista em seu país. E, para isso, é importante citar o trabalho de Anna Vaninskaya (2006, p. 144), *Tolkien: a man of his time?*

[...] Vociferações contra a máquina, industrialização, suburbanização e grandes estruturas impessoais do estado e das cidades, uma guinada ao passado, na maioria das vezes na forma de um medievalismo, adoração da natureza, baseada na vida simples, e a identificação destas características com uma verdadeira e imutável essência inglesa, tem uma longa e variada tradição: Carlyle, Ruskin, William Morris, Thomas Hardy, Edward Carpenter, C. R. Ashbee, e outros artistas pioneiros, os Georgeanos, G. K. Chesterton, Kenneth Grahame, E. Nesbit, E. M. Forster, D. H. Lawrence, G. M. Trevelyan [a tradução é nossa].

No entanto, paradoxalmente Tolkien é também devedor da tecnologia e da modernização que tantas vezes criticou. Cabe aqui a menção ao texto *Fins de siècle – How centuries end*, de Asa Briggs (1996). Ele indica que, entre finais do século XIX e início do XX, o alargamento em torno da história da humanidade (graças a estudos nas áreas de arqueologia e paleontologia, a Teoria da Seleção Natural de Darwin), assim como a explosão da circulação de jornais nos centros urbanos abriram novos caminhos ao

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

imaginário social na Inglaterra vitoriana e pós-vitoriana. O professor de Oxford não ficou alheio a essas mudanças. Sua literatura genial, ambientada em um passado remotíssimo, está em sintonia com elas.

Assim, literatura, como uma das formas de arte, possui o potencial de evocar em seu leitor novas percepções sobre si mesmo por meio de uma desautomatização dos sentimentos, já tão naturalizados pelo cotidiano, “elevando-os acima das singularidades dos indivíduos para depois, num segundo momento, esses sentimentos socialmente objetivados retornarem aos indivíduos, humanizando-os” (FERREIRA; DUARTE, 2010, p. 130).

É pelo modo como o seu conteúdo é organizado, por meio da exploração de recursos estilísticos, que se pode atribuir tais especificidades ao texto literário. Para Candido (2004, p. 177), a literatura “tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado”. Porém, além da presença de um código, as palavras organizadas comunicam sempre alguma coisa numa proposta de sentido, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas, o que a torna fator indispensável para a nossa humanização².

Para Candido, é devido à maneira como a literatura transforma, através da palavra, o informal em estrutura organizada que ela dispõe de potencial para desenvolver no leitor essa humanidade. É na medida em que o torna mais compreensivo e aberto à natureza, à sociedade e ao semelhante, extrapolando sua função de satisfação da necessidade de fantasia e contribuindo também para a formação da personalidade do indivíduo e da sua visão sobre o mundo, e ajudando-o a tomar posições em face dele.

Ora, as primeiras análises a respeito da obra de Tolkien se deram por ocasião da publicação do seu *The Lord of the Rings*, entre meados de 1954 e finais de 1955. As reações a ela não foram, segundo seus biógrafos, nada ponderadas. Ou o livro e seu autor eram vistos como geniais: “é impecável em seu retrato do heroísmo e naquilo que talvez

² Tomamos aqui a palavra *humanização* na mesma acepção cunhada por Candido (2004, p. 180), como “[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.”

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

possamos considerar ‘fortes emoções’.”, ou, pelo contrário, nas palavras do famoso crítico literário Edmund Wilson (1895-1972), tratava-se apenas de “bobagem e lixo juvenil” (WILSON apud WHITE, 2013, p. 186).

No entanto, apesar de tudo, autor e obra se popularizaram. Seja pelas transmissões radiofônicas do enredo feitas pela *British Broadcasting Company* (BBC), seja por verem-no como um livro buscado para se encontrar fuga e consolo em um mundo sem solução.

[...] a popularidade de *O Senhor dos Anéis* tem que ser entendida no contexto daquele grupo que mais seguramente garantiu a sua reputação, os jovens insatisfeitos da classe média industrial do Ocidente da metade da década de 1960. O livro foi uma influência seminal na popular subcultura do período, um artefato tão atraente comercialmente quanto um disco de Bob Dylan (WALMSLEY apud WHITE, M. 2013, p. 215).

No ensaio *Crítica e sociologia*, estudo feito para exposição no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em julho de 1961, Antônio Candido problematiza o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social. Para ele, “a análise estética precede considerações de outra ordem” (CANDIDO, 2000, p. 5). Sem negar a influência da realidade social para a composição do literário, Candido busca um ponto de vista mais equilibrado entre os estudos que superestimaram essa relação, chegando a medir o valor de uma obra pela sua expressão da realidade, e os que a rebaixaram completamente, considerando o condicionamento social completamente inoperante como elemento de compreensão.

Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz.

[...] Com efeito ao contrário do que pressupõem os formalistas, a compreensão da obra não prescinde a consideração dos elementos inicialmente não-literários. O texto não os anula, ao transfigurá-los e, sendo um resultado, só pode ganhar pelo conhecimento da realidade que serviu de base à sua realidade própria. Por isso, se o entendimento dos fatores é desnecessário para a emoção estética, sem o seu estudo não há crítica (CANDIDO, 1993, p. 34).

Para Candido, a integridade da obra literária não permite adotarmos nenhuma dessas visões dissociadas e só a podemos entender fundindo texto e contexto numa

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

interpretação dialética. Para Candido (1993), a relação entre a obra literária e seu contexto histórico não é do tipo determinista. Ao estudar a estruturação de romances e poemas, o autor demonstra como os elementos da realidade externa se tornam forças ordenadoras internas à obra.

Nesse sentido, sempre houve quem interpretasse as obras de Tolkien, sobretudo *The Lord of the Rings* como uma clara alegoria da Segunda Guerra Mundial (1939-1945): os heróis da narrativa seriam os ingleses, e os antagonistas, o *Inimigo* a ser destruído, seria Hitler e o Exército Nazista (ANTUNES, 2009, p. 9). Esse prisma interpretativo, embora válido, é bastante apressado, pois desconsidera tudo o que autor produziu antes da eclosão do conflito. Conforme já dissemos, embora tenha sido publicada somente em meados dos anos 1950, o romance foi concebido e redigido desde o final dos anos 1930. Além de retomar temas e conceitos presentes em seus primeiros contos, mais de uma década antes.

Entendido dessa forma, alcançaremos uma interpretação estética que assimile a dimensão social como fator de arte, e não o contrário. “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2000, p. 6).

A literatura, portanto, carrega um vínculo com o real, mas não é a sua cópia (PESSOA, 2013). Ela possui autonomia de significado, sem, contudo, desligar-se do real e atuar sobre ele. Por isso, a obra literária se relaciona tão intimamente com as questões existenciais do homem.

[...] a literatura precisa criar um mundo próprio, afastando-se da realidade imediata, para assim voltar a ela ao refleti-la de forma correta, isto é, revelando a totalidade da vida, a unidade entre aparência e essência, entre o nosso dia a dia e as forças históricas contraditórias que nele atuam. Logo, ela é também uma forma artística que produz o autoconhecimento do homem como parte da humanidade, levando a um questionamento do mundo, pois o leitor, ao vivenciar, no mundo próprio da arte, a relação entre essência e aparência, volta para seu cotidiano mais consciente de sua inteira realidade. Assim, a literatura é uma crítica da vida e, simultaneamente, uma forma de descobrir o núcleo da vida (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p. 14).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A literatura é um fenômeno histórico que integra a realidade social como seu reflexo artístico. A relação entre a obra literária e o contexto em que ela foi produzida deve ser, portanto, instrumento que nos permita desvelar os discursos que a perpassam: Quais são esses discursos? Como foram produzidos? Quais efeitos essas formas e recursos provocam? É dessa forma que o estudo dessa relação pode colaborar para o processo de desenvolvimento do indivíduo, no sentido de ampliar sua compreensão sobre a realidade e capacitá-lo a atuar sobre ela a fim de transformá-la.

2. Romance, conservadorismo, modernidade

Indo ao encontro do que vimos acima, este trabalho também possui como referencial a chamada Escola de *Cambridge*, especialmente a abordagem teórico-metodológica de Quentin Skinner. Este autor buscou, entre outras coisas, superar um tipo de História das Ideias que se dedicava apenas ao estudo dos escritos de um determinado intelectual, desconsiderando o contexto no qual estava inserido e os demais pensadores com quais dialogava na formulação de suas ideias.

Nessa mesma linha, a história das ideias das últimas décadas tem privilegiado fontes diversas, especialmente os textos literários e ficcionais. Para Skinner, tais estudos devem ser feitos não apenas sobre os textos canônicos, mas também sobre os textos marginais que veiculem ideias políticas ou morais, localizando-os com os clássicos dentro de tradições ou quadros amplos de pensamento. Ele destaca também como os escritores não estavam alheios às inúmeras questões de sua época e como os escritos são fruto de reflexões, debates, bem como do esforço em encontrar respostas aos problemas presentes em determinado contexto (SKINNER, 2007).

Esse posicionar-se ante a realidade, do ponto de vista da literatura, vai ao encontro da definição para o romance moderno de Angélica Soares (2007), sendo *The Lord of the Rings* uma obra que se enquadra nesse gênero³. Para ela, o romance “vem-se impondo

³ Ainda segundo Angélica Soares, todo romance se estrutura a partir dos seguintes elementos: enredo, personagens, espaço, tempo e ponto de vista da narrativa. Caminham na mesma linha as análises de Antonio Candido, no capítulo “A personagem do Romance”. In: CANDIDO, A. et. al. (org.), 2011.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

fortemente, desde o século XIX, quando (...) se caracterizou sobretudo pela crítica de costumes ou pela temática histórica” (SOARES, 2007, p. 41-42).

Nesse sentido, Tolkien é um intelectual que critica as contradições e as transformações de sua época, sob uma ótica conservadora. Em primeiro lugar, a definição que adotamos para o conceito de “conservadorismo” vai além do senso comum. Ao contrário, diz respeito não somente a um “impulso” (TRINDADE, 1978), a um simples “desejo de manter as tradições” (NISBET, 1987), ou a um “comportamento natural, intuitivo de lutar contra o aparecimento de novidades no campo político ou moral” (KIRK, 2014), mas sim a um conjunto de ideias específicas e historicamente situadas (VINCENT, 1995). Dito de outra maneira, os autores conservadores pretendem, em contrapartida aos teóricos liberais ou socialistas, criar uma via alternativa de acesso para o mundo moderno (VIERECK, 2004), aceitando em maior ou menor grau temas presentes no ideário iluminista.

Um dos temas que é bastante criticado pelos conservadores é a ideia de *progresso*. Por meio dela, acredita-se que a humanidade avançou do passado – a partir de alguma condição original de primitivismo, barbárie ou até nulidade – continua a avançar no presente, e deverá ainda avançar infinitamente através do futuro. Nisbet demonstra o impacto dessa ideia na formação da civilização europeia:

[...] Do começo do século XIX até algumas décadas atrás, a crença no progresso da humanidade, com a civilização ocidental na vanguarda, foi, para todos os efeitos, uma religião universal de ambos os lados do Atlântico. E seja qual for o seu estado lamentável hoje em dia no Ocidente, é muito plausível afirmar que esta é uma das ideias ou valores ocidentais mais duradouros e fortes, que se tenham enraizado na Europa Oriental (...) e em grande parte da Ásia (NISBET, 1985, p. 19).

Na obra de Tolkien essa crítica também existe. Isso fica claro quando se observa o enredo de suas narrativas, dos contos ao romance. Há três elementos que são constantes:

a) a ideia de decadência (em oposição ao progresso):

[...] Elrond [um grande senhor élfico] fez uma pequena pausa e suspirou. “Lembro-me bem do esplendor de seus estandartes”, disse ele. “Ele me recordou a glória dos Dias Antigos e as hostes de Beleriand, tantos eram os grandes príncipes e capitães ali reunidos. Porém não tantos, nem tão belos, quanto no rompimento das Thangorodrim,

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

quando Elfos julgaram que o mal estava terminado para sempre, e não estava.” (...) “Assim foi de fato”, respondeu Elrond com gravidade. “Mas minha memória remonta até aos Dias Antigos. Eärendil foi meu pai, nascido em Gondolin antes que esta caísse; e minha mãe foi Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien de Doriath. Vi três eras no Oeste do mundo, e muitas derrotas, e muitas vitórias infrutíferas.” (TOLKIEN, 2019, p. 350).

Elrond é um personagem de idade milenar. Ele nasceu ainda na chamada Primeira Era ou nos *Dias Antigos* do mundo, atravessou o tempo chegou até a Terceira Era, momento em que a cena acima acontece. Em sua fala, há a lembrança de eventos ocorridos durante a Segunda Era, que, em suas palavras, foram “grandes e gloriosos”, porém, e isso ele faz questão de frisar, não tão gloriosos quanto os da era anterior.

Além do mais, seu discurso é de alguém cansado. Não só do ponto de vista biológico, mas sobretudo moral, por ter visto tantos males ao longo de sua vida. Ao fazer uma análise panorâmica de sua existência e do mundo de um modo geral, o saldo em questão é negativo: “derrotas e vitórias infrutíferas”. É relevante mencionar que, ao longo de toda o enredo de *The Lord of the Rings*, elfos como Elrond tem tomado a firme decisão de abandonar o mundo mortal, mesmo que, ao final de tudo, o *Inimigo* seja vencido.

b) o recurso ao trágico (quando o ser humano se vê impelido a uma fatalidade) (SOARES, 2007, p. 60):

[...] Muitos que vivem merecem a morte. E alguns que morrem merecem a vida. Você pode dá-la a eles? Então não seja ávido demais por conferir a morte em julgamento. Pois nem mesmo os muito sábios conseguem ver todos os fins. Não tenho muita esperança de que Gollum [uma criatura amaldiçoada] possa ser curado antes de morrer, mas existe uma chance. E ele está *atado ao destino* do Anel. Meu coração me diz que ele ainda tem algum *papel a desempenhar*, pelo bem ou pelo mal, antes do fim (TOLKIEN, 2019, p. 114-115, os grifos são nossos).

Nesse trecho, Gandalf repreende seu amigo Frodo por este querer a morte de outro personagem, a saber, Gollum. Este, por ter possuído o Anel de Poder por quase cinco séculos, tornou-se um ser animalesco e cruel, que faria absolutamente qualquer coisa para reaver o artefato. Mesmo assim, e não minimizando seus vícios ou eximindo-o de suas responsabilidades, Gandalf não vê a existência da criatura como puramente má, pois ela pode servir a propósitos maiores, que vão muito além do entendimento comum. Como

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

em *A Queda de Gondolin* (TOLKIEN, 2018a), o primeiro dos contos da juventude de Tolkien, concebido ainda nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, existem forças no universo muito mais poderosas do que as vontades ou a capacidade de previsão dos indivíduos.

Como na tragédia edipiana, em que a insistência do personagem-título em investigar e descobrir o assassinato de Laio foi o que revelou a sua culpabilidade, será o esforço perverso e implacável de Gollum para reaver o Anel o motor que o conduzirá, nos momentos derradeiros da trama, ao seu próprio fim.

c) a ameaça de destruição:

[...] “Através dele o Inimigo ficou sabendo que o Um foi reencontrado. Ele sabe onde Isildur tombou. Ele sabe onde Gollum encontrou seu anel. Ele sabe que é um Grande Anel, pois concedeu vida longa. (...) Ele sabe que é o Um. E finalmente ouviu falar, creio, dos *hobbits* e do *Condado*. O Condado – ele pode estar procurando-o agora, se já não descobriu onde fica. Na verdade, Frodo, temo que ele até possa pensar que o nome Bolseiro, despercebido por longo tempo, tenha se tornado importante.” “Mas isso é terrível!”, exclamou Frodo. “Muito pior do que o pior que imaginei por suas alusões e seus avisos. Ó Gandalf, melhor dos amigos, o que vou fazer? Pois agora estou com medo de verdade. O que vou fazer?” (TOLKIEN, 2019, p. 114).

Em cada uma das três eras da Terra Média houve um grande Mal a ser combatido. Na Primeira Era, esse Mal atende pelo nome de Melkor (ou Morgoth), o Primeiro Senhor do Escuro, um dos primeiros seres a existir no universo. Ele, junto a outros semelhantes, os chamados *Valar*, teve a incumbência de governar o mundo, mas se rebelou contra eles. Ato contínuo, destruiu boa parte da obra de seus companheiros, além de capturar as sublimes gemas chamadas *Silmarils*, citadas no conto de *Beren & Lúthien* (TOLKIEN, 2018b), outra das histórias da juventude de Tolkien. Como consequência das obras de Melkor, o mundo jaz na escuridão e no medo.

Na Segunda e na Terceira Eras o Inimigo é outro: Sauron, um dos servidores Melkor e, de certa forma, seu herdeiro. É ele o mentor da forjadura dos Anéis de Poder, incluindo O Um Anel, ao qual a última citação faz referência. Logo, a expressão “O Senhor dos Anéis” se refere a ele. Através do anel principal, Sauron corromperia todos os outros, bem como a seus usuários, o que englobaria boa parte dos chamados “povos

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

livres”. Derrotado uma primeira vez por meio de uma aliança entre homens e elfos (o que pôs fim à Segunda Era e inaugurou a Terceira), Sauron ficou inerte por milhares de anos. Porém, o período de ordem nunca dura muito tempo, e eis que a Terra Média se vê novamente à mercê do aniquilamento.

Esse tripé narrativo pode ser igualmente relacionado aos estudos de Albert Hirschman. Ao analisar os desdobramentos da ideologia conservadora, definindo-a como um modo de encarar negativamente as transformações políticas, o autor propõe que ela está baseada nas seguintes teses: 1) da perversidade; 2) da futilidade; 3) da ameaça.

A perversidade se mostra presente quando as pessoas que reagem às mudanças “vivem em um mundo hostil (...) a tentativa de empurrar a sociedade em determinada direção fará com que ela se mova, mas na direção contrária” (HIRSCHMAN, 2019, p. 18). Em outras palavras, há um poder maior em funcionamento no universo do que a racionalidade dos seres humanos. É impossível garantir que a humanidade esteja qualitativamente melhor do que antes.

A futilidade (2019, p. 43), por sua vez, estaria relacionada com a crença de que qualquer tentativa de mudança é sempre abortiva, pois as estruturas da sociedade permaneceriam intactas. Isto é, a capacidade de previsão e de planejamento da humanidade é pequena. As circunstâncias são mais fortes do que as vontades individuais. Um ataque frontal ao ideário iluminista do homem “autônomo” (MERQUIOR, 2014), cuja liberdade é “natural” (BOBBIO, 2000), que traça o seu próprio destino rumo à felicidade.

Por fim, a tese da ameaça (HIRSCHMAN, p. 73) defende que a mudança proposta pelo progressivismo é sempre ruim, pois acarreta custos ou consequências inaceitáveis às instituições já existentes. Isto é, o mundo não é ordeiro e seguro, embora possa parecer superficialmente. Essa ordem é fruto de um equilíbrio instável, e que pode vir a baixo a qualquer momento.

Tolkien e sua fantasia, assim, consideram o mundo moderno decaído, trágico e ameaçador, pois, ao mesmo tempo em que traz inovações e respostas, ele procura destruir e lançar ao abismo o espírito humano já que, na ânsia para construir um mundo novo,

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

precisa higienizar ou mesmo aniquilar o mundo velho. Dessa forma, faz-se necessário recorrer a autores que exploram o conceito de modernidade. Nas palavras de Marshall Berman (1986, p. 13-15), “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. (...) É experiência de tempo e espaço, das possibilidades e perigos da vida”.

Essa construção de um mundo novo, ordenado, fruto de projeto e manipulação, é abordada por Zygmund Bauman. Para ele, a modernidade é um constante esforço para definir as coisas com precisão, sem deixar espaços vazios. Tudo o que não pode ser assimilado deve ser negado. “A intolerância é, portanto, a inclinação da prática moderna” (BAUMAN, 1999, p. 15-16).

Essa intolerância também foi observada por Alain Touraine. Por fazer tabula rasa do passado, a modernidade se propõe destruir laços sociais, sentimentos, costumes e crenças chamadas tradicionais. No entanto, produzir mudanças de modo tão amplo e ambicioso pressupõe a existência de um poder colossal, muito maior do que o Leviatã hobbesiano. O resultado disso é, em suas próprias palavras, “uma sociedade nova e um homem novo, aos quais imporão, em nome da Razão, obrigações maiores que as das monarquias absolutas” (TOURAINÉ, 2012, p. 21).

3. Considerações finais

Os paradoxos da modernidade e de seus projetos, por fim, pode ser buscada nas reflexões de Theodor Adorno & Max Horkheimer. Os teóricos se propõem a responder a seguinte pergunta: por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está mergulhando na barbárie? A resposta: a Razão Iluminista, o *Esclarecimento* kantiano, contém em si o germe de sua própria destruição. Exemplificando,

[...] o aumento da produtividade econômica confere ao aparelho técnico uma superioridade imensa sobre o resto da população. (...) A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo” (ADORNO & HORKHEIMER, 2021, p. 14).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Nesse sentido, o Esclarecimento é um mito. Pretende conduzir os seres humanos ao progresso, investindo-os na posição de senhores do universo. Tal operação não pode lograr êxito, uma vez que, para isso, se propõe não a acrescentar, mas a substituir um aspecto humano (a imaginação) por outro (o saber). De uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, as consequências dessa substituição se farão visíveis. E se fizeram, entre outros momentos, no caos gerado após a Primeira Guerra Mundial.

Diante dele, o que fazer? Como sobreviver a ele literariamente? Ganharam força, nesse aspecto, os gêneros de ficção científica e de ficção fantástica. Esta última, que é a que realmente nos interessa neste trabalho, pode ser definida como “determinado tipo de história que trata do sobrenatural com o foco na hesitação causada no leitor entre o que é real e o que é imaginário” (TODOROV, 2017, p. 85). Assim, ambos os gêneros, para o futuro ou para o passado, eram capazes de traduzir em termos literários o desconforto com o presente.

Então, podemos inferir que o gênero de ficção fantástica, como apresentado nas obras J. R. R. Tolkien entre os anos de 1917 e 1949, transmite um conteúdo de ideias de matriz conservadora, na medida em que percebe sempre a realidade como trágica, decadente, fútil e ameaçadora. Mais do que isso, identifica as ambivalências da modernidade, sendo a tecnologia e a guerra seus elementos mais marcantes, em sua própria origem, isto é, no aspecto dialético da Razão Iluminista. Se o projeto iluminista falhou, e o autor assim o crê, isso não se deve a um mau uso dele ou a um acidente. Não há outra saída, portanto, se não rejeitá-lo. O roteiro elementar do romance *The Lord of the Rings*, isto é, a destruição de um instrumento de poder, é uma metáfora dessa visão.

4. Referências bibliográficas

Documentação primária impressa

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **A Sociedade do Anel**: Primeira Parte de O Senhor dos Anéis. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019.

_____. **A queda de Gondolin**. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

_____. **Beren e Lúthien**. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

Obras de apoio

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ANTUNES, Thiago. **Tradição e modernidade em O Senhor dos Anéis**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: aventura na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRIGGS, Asa & SNOWMAN, Daniel (Org). **Fins de Siècle. How centuries end: 1400-2000**. Connecticut: Yale University Press, 1996.

CANDIDO, Antonio Candido. et. al. (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

_____. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

_____. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, p. 169-191, 2004.

CORREA, Ana Laura dos Reis; HESS, Bernard Herman; ROSA, Daniele dos Santos (org.). **Caderno de literatura: um percurso de formação em literatura na educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

FERREIRA, Nathalia Botura de Paula; DUARTE, Newton. Literatura e educação: uma análise marxista. **Revista Cadernos de Campo**, Araraquara, n. 27, p. 125-136, 2010.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5141/4216>.
Acesso em: 12 abr. 2022.

HIRSCHMAN, Albert O. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KIRK, Russel. **Politics of Prudence**. Nova York: ISI Books, 2014.

MERQUIOR, José Guilherme. **O Liberalismo: Antigo e Moderno**. São Paulo: É Realizações, 2014.

NISBET, Robert. **História da Ideia de Progresso**. Brasília: EDUNB, 1985.

_____. **O conservadorismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

PESSOA, Jadir de Moraes. Literatura e formação humana. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, n. 32, p. 179-196, 2013.

SKINNER, Quentin. **Lenguaje, política e história**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2007.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRINDADE, Liana Salvia. **As raízes ideológicas das teorias sociais**. São Paulo: Ática, 1978.

VANINSKAYA, Anna. Tolkien: a man of his time? In: WEINREICH, Frank & HONEGGER, Thomas. **Tolkien and Modernity**. v. 1. Londres: Walking Tree Publishers, 2006.

VIERECK, Peter. **Conservatism revisited**. Londres: Routledge, 2004.

VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien**: O Senhor da Fantasia. Rio de Janeiro: Darkside, 2013.